

# GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

Redactores: — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

ADMINISTRADOR — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

## ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20 — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

Redacção — Rua dos Caldeiros n.º 250.

## SUMMARIO:

Artigo de fundo.  
O escriptor, Francisco Travassos Valdez—S.  
Secção noticiosa.  
Sciencias & letras:  
Sobre a educação da mulher—Ricardo Souto.  
Junho, (poesia)—Jayme de Sequier.  
Pobre martyr—A. Leão Martins.  
Confidencia, (poesia)—Fernando Caldeira.  
O véu—Santilhana.  
Desdichada, (poesia) — Gonçalves Crespo.  
A' saudosa memoria de minha mãe —Um Angejense d'além-mar.  
De noite, (soneto)—Joaquim d'Araujo.  
Desastre ou suicidio?! (folhetim)—Alfredo A. Santos.

ANGEJA, 20 DE JULHO DE 1887

A politica se bem que não esteja ainda em ferias e os representantes do povo não tenham regressado ao lar domestico referir aos seus os triumphos alcançados no parlamento pela provisão de rhetorica, todavia os tumultos e discussões acaloradas quasi se extinguiram e a missão de jornalista torna-se assaz embaraçosa á falta de assumpto.

Este socego tem sempre por factor unico o porte das opposições. D'ellas depende immediatamente a agitação das discussões parlamen-

## FOLHETIM

## DESASTRE OU SUICIDIO?!!

Como são bellos no campo os dias de primavera!! Por toda a parte alegria, vida e amor!! Aqui, o rouxinol nos arrebatava ao empyreo da melodia com a variedade de seus gorgeios; acolá desliza mansamente pelos vergeis amenos o regato crystallino, e mais adiante, alquebrado pela fadiga do trabalho insano, canta alegre o camponez. Oh! natureza quanto és ideal!!

Foi na Aldeia de A... Corria na ampulheta da vida o anno de 188... e n'uma manhã de maio ao despontar do sol levantei-me para gosar o balsamo das flores e o trinado das avesinhas. Encaminei-me para o ponto em que o panorama me parecia mais admiravel, e ahí chegado, não me enganei.

O sol erguendo-se ufano, saudava mais uma vez com orgulho aquelles campos tão amenos como fertéis e a tudo dava vida com o seu calor ainda nascente. As arvores sacudiam com indolencia o orvalho da noute,

tares. E se agora reina uma paz quasi absoluta, isto é dupla e tristemente significativo para a actual opposição. Ou se compen-trou da sem razão com que levantou e explorou muitas questões, ou se acha demasiado enfraquecida e exausta a ponto de apenas dar signaes de que vive.

Quer-nos parecer que ambas estas duas causas foram factores d'este amortecimento. Aquella furia, aquelle despredicio de força da parte da opposição nos primeiros periodos parlamentares, devia inevitavelmente produzir este vacuo. Por outro lado a ambição, essa força occulta inherente ao homem que o arroja sempre na lucta pela vida, manifestando-se em embuscada aqui e álem, parece conspirar contra a grande obra de Fontes, ameaçando destruir todas as afinidades, que mantinham unido e firme um grande partido.

Na verdade quando um composto chimico se destrõe ou as suas energias se enfraquecem, seus elementos abandonam esse corpo e vão entrar em novas formações cada um consoante as suas propriedades, constituindo individuos novos com tendencias diferentes. Se é certo que todas as manifestações humanas são filhas das energias das reacções chimicas como parecem querer proval-o os sabios, então em nada nos pôde surpreender essas exhibições que hoje nos offerece aquelle partido que ainda hontem era justamente considerado como o mais forte.

Em tal caso é isto perfeitamen-

e por todos os lados com breves distancias destacam-se grupos de rapazes e raparigas saudando o dia e o trabalho com seus cantos innocentes.

N'aquelles rostos serenos e alegres nem uma só amostra de pesar!! N'aquelles corações puros, onde só se encerra a pura amizade, nem um só indicio de tristesa!!

E' que o vicio não pôde ainda ferir-lhes a consciencia nem corromper-lhes os costumes!! E' que para elles a vida é o trabalho, a ventura a familia.

Em cada companheiro encontram um irmão, arrimo e esperanza. Para elles a felicidade d'um é a de todos, e em todos acham emolção quando a fatalidade com mão incerta lhe bate á porta. Vida rica de poesia, em que a etiqueta é contrabando; a lisonja desconhecida e a hypocrisia um phenomeno!!... Extasiado pela sublimidade de tudo quanto via, fui despertado por passos incertos e vagarosos de alguém que se aproximava. Voltei-me e deparei com um mancebo cuja idade seria dezoito annos, sympathico, olhos bellos e d'um brilho pouco vulgar, formas bem alinhadas e que descalço, calça arregaçada e enxada ao hombro me dava a conhecer qual o seu mister. Era grande a sua preocupação, pois passou sem me ver.

te natural e temos de nos resignar a soffrer-lhes as consequencias, porque quando assim se decompõe um organismo complexo e grande, não ha força humana que faça reentrar os elementos nos seus primitivos logares e variados são os productos d'essa decomposição.

E se me fôr permittida a analogia, é pouco mais ou menos n'estas circumstancias que encontramos o partido regenerador e sempre em vão tentação reconstitui-lo tal qual elle era.

E' triste termos de dizer isto, mas é um facto por ninguém contestado, e que os mais partidarios jornaes regeneradores já hoje não dissimulam, porque o desalento e o desenganho invadiram todos os espiritos, mesmo dos mais scepticos.

Oxalá ao menos o governo não abuse da fraqueza dos adversarios e continue briosa e activamente na resolução dos importantes problemas que patrioticamente se impoz.

Se é certo que no meio d'este desequilibrio politico a que nos vimos referindo é mais facil um desvairamento da parte do governo, não é menos certo que da sua parte tem mais força util a aproveitar, porque teem menos resistencia a vencer.

## O escriptor Francisco Travassos Valdez

Voltamos mais uma vez a referirmo-nos á manifesta injustiça que os passados governos fizeram ao nosso

Cambaleava como que embriagado e de momentos a momentos levava a mão ao peito como querendo apertal-o. Esta mutação rapida despertou-me a curiosidade de o seguir o que fiz sem mais preambulo e com facilidade devido á tortuosidade do caminho.

O mancebo depois de ter caminhado alguns momentos, parou e pousando a enxada no chão, correu a vista para todos os lados como procurando saber se estaria só. De repente, vejo-o levar as mãos á cabeça com indicio de desespero e correr para um dos lados da estrada. Em attitude de espião, alonguei o pescoço para melhor observar-lhe os movimentos, e qual não foi o meu espanto quando notei que a par d'uma pallidez quasi cadaverica, brotavam de seus olhos abundantes lagrimas?! Será algum infeliz, que orphão se veja no mundo só e sem amparo?! Será algum apaixonado mal comprehendido?! Pensava eu, e esta collisão me deu paciencia para esperar. A carreira rapida do infeliz moço, foi rapidamente detida pelo brado da razão ainda não offuscada. Estatico se conservou por alguns minutos e dirigindo por fim seus passos lentos para a enxada a levantou e seguiu. Não devia porém ser longo o seu trajecto. As pernas

velho e honrado collega, Francisco Travassos Valdez, porque não se nos pode apagar da mente, que um funcionario publico e activo, como o snr. Valdez, exposto tantas vezes aos perigos e contagios das febres, vivendo entre os selvagens e servindo 35 annos, sob as ordens dos ministerios dos negocios estrangeiros e da marinha e ultramar, em serviços no Cabo da Boa-Esperança e na provincia do Timor, não devia de fôrma alguma, ser atirado como foi ao monturo, quando os seus feitos heroicos se tornaram bem publicos e documentados?!

Infelizmente, até hoje, de pouco lhe serviram os seus serviços e antigas considerações, porque o governo do fallecido estadista Fontes Pereira de Mello, em nada o quiz attender e embora soubesse que o snr. Valdez, era filho d'um homem que verteu muito sangue em prol do throno legitimo e das liberdades patrias.

Esse illustre portuguez, que ajudou a implantar a nossa liberdade, foi o fallecido e valente José Lucio Travassos Valdez, primeiro Conde do Bomfim, que como é bem sabido, teve não só a gloria de servir ás immediatas ordens do celebre Duque de Wellington, contra o grande Napoleão I, dos Francezes, durante a famosa guerra na nossa Peninsula, e de exercer, depois, em Portugal, as funções de Ajudante General e Chefe do Estado Maior Imperial do **Immortal Libertador**, o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, mas tambem a subida honra de ser logar Tenente da Rainha, a Senhora D. Maria II, nas Provincias do Sul, seu

como que entorpecidas por frio horrivel obrigavam-no a parar e n'esse momento o pobre mancebo vacillava na escolha dos pensamentos que o assaltavam. Venceu a dôr.

Fulminado, cahiu, soltando a custo um grito angustioso. Não pôde mais conter-me e corri em direcção ao desventurado. Porém como soccorrel-o?! Seu coração batia ainda e a ideia de que não era cadaver animou-me em salvá-lo. N'um relancear de olhos descobri agua perto, e o molhar um lenço e o collocar-lh'o na cabeça foi obra d'um momento. Pude a custo suspendel-o um pouco e com a assiduidade do lenço molhado, consegui que elle desse signaes de vida.

«Men Deus, como me é pesado o viver!» Foram as suas primeiras palavras. Traquillize-se e dispa de si as ideias que o atormentam. (Lhe disse eu). Não me conhece, concordo; mas se o que acabo de fazer é o bastante para lhe provar que o posso servir em alguma cousa, não tema uma recusa que seria indigna, e confesse-me a sua dôr. «Sou muito infeliz; mas já que Deus quiz enviar-me um amigo, vou revellar-lhe a causa do meu soffrimento e com certeza a de minha morte; porém para que não seja interrompida a triste verdade que lhe vou confiar, peço

Presidente do Conselho de Ministros e, por varias vezes Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha e Ultramar, Digno Par do Reino, Comandante das *Guardas Nacionais* e de varias forças em operações, Conselheiro de Guerra, etc., assim como nos felizes reinados do sempre chorado Senhor D. Pedro V e de V. M. F., Commandante da 7.<sup>a</sup> (hoje 4.<sup>a</sup>) Divisão Militar e encarregado d'outras importantissimas commissões do serviço publico.

Ora, o supplicante, além dos seus relevantes serviços ao paiz e ás colonias, é filho do valente portuguez, 1.<sup>o</sup> Conde do Bomfim, merecendo, porisso, algum favor da parte dos intelligentes ministros que actualmente estão governando este abençoado paiz, assim como da subida coadjuvação dos dignos deputados ás côrtes, para que a sua pretensão, seja deferida como requereu.

Nós assim o esperamos.

S.

## NOTICIARIO

### Julgado de paz em Angeja.

— O projecto de criação d'este julgado que ha pouco tempo foi apresentado em côrtes, foi em seguida entregue á commissão de legislação, a qual deu já parecer favoravel e espera-se que em breve seja submettida á votação do parlamento, considerando-se desde já como certa a sua approvação.

**Chegada.**—Chega por estes dias a Angeja, vindo do Pará, o nosso amigo e conterraneo, o snr. Fernando Augusto dos Santos.

Bem vindo seja á terra que lhe serviu de berço, que sempre acolhe com satisfação e orgulho a chegada d'aquelles de seus filhos que ao longe se lembram d'ella.

que me acompanhe a um sitio onde ninguém nos poderá ouvir.» Mas attenda a que está fraco e que uma longa conversação lhe pôde fazer mal, avivando ella recordações que lhe são tão dolorosas. «Não; sou forte, e mais um dia quando só apenas se contam desoito annos, é pouco.

Vamos.» Guiado por elle desviamos-nos do caminho, e debaixo d'uns salgueiraes que fechavam uma propriedade, ouvi o seguinte:

«Nasci na aldeia de A... Meus paes são lavradores, não muito ricos mas também não são pobres. Somos dois irmãos. Eu o mais velho chamo-me J... o outro mais novo A... Educados na vida de meu pae, ambos somos lavradores e ambos trabalhamos para a casa. Antes porém de entrar no assumpto, causa unica dos meus pezares, tenho de lhe expor algumas cousas que influem bastante nos meus padecimentos. Nas aldeias, como nas cidades ha uma cousa a que chamam politica, cousa que em toda a parte mette o nariz, e que só serve para tornar menores os pequenos e grandes aquelles que já são immensos.

Ora na minha aldeia, ha duas especies de politicos: governamentais e opposicionistas. Todos elles são a mesma gente, mas para salvar apparencias cada um tem a sua côr, côr esta determinada pelos politicos de poleiro alto. Uns entenderam fundar uma sociedade musical e para isso convidaram rapazes que pertencessem directa ou indirectamente á sua

**Parabens.**—Fez ha dias exame de portuguez e ficou plenamente approvado o snr. José Luciano de Castro Corte-Real, sobrinho do snr. dr. Augusto de Castro.

**Regresso.**—Já chegou a Angeja, vindo de S. Pedro do Sul, o snr. Manoel Maria Ferreira Souto com sua familia.

Tambem chegou de Lisboa o nosso amigo e conterraneo, o snr. José Pereira dos Santos.

**Felecitações.**—Fez ha dias no lyceu central do Porto exames de portuguez e francez primeiro anno ficando plenamente approvado, o snr. Henrique Carlos da Costa Souto, filho do snr. dr. Antonio Ferreira Souto Alves e sobrinho do snr. Manoel Maria Ferreira Souto.

Seu mano Raul faz brevemente os mesmos exames, o que ainda não tem feito em virtude d'um leve incommodo que teve na occasião em que devia entrar a exame.

**Aos nossos collegas.**—Pedimos áquelles com quem temos a honra de permutar a fineza de noticiar a mudança do titulo do nosso jornal.

**Eschola Medica do Porto.**—Passou para o 3.<sup>o</sup> anno d'este estabelecimento, ficando plenamente approvado nos actos do 2.<sup>o</sup> o redactor d'este jornal, o snr. Ricardo Souto.

**Transferencia.**—Foi promovido a juiz de 2.<sup>a</sup> classe para Cintra, o snr. dr. Alexandre de Sousa e Mello, que estava juiz em Taboá.

O snr. dr. Alexandre Sousa e Mello, filho do nosso concelho, não só como delegado, mas também como juiz tem sido um magistrado muito distincto.

**A Penitenciaria.**—Recebemos um livrinho assim intitulado que nos enviou o nosso amigo e collega redactor do *Artilheiro*, o snr. Antonio João da Silva.

O livrinho contem uma serie de artigos, publicados no *Artilheiro*,

bandeira. Este convite chegou também a minha casa e eu como mais velho pedi a meus paes que me deixasse tomar parte na tal sociedade. Meu irmão mais novo, também queria ser musico e como eu, também pediu. Meus paes que sempre foram apaixonados por meu mano, cederam ao pedido d'elle e deliberam de commum accordo que fosse o mais novo musico e que o mais velho, que sou eu, continuasse na vida agricola. Ora eu creio que entre irmãos, ha o direito de igualdade, e quando haja mais alguma attenção, seja do mais velho para o mais novo e não do mais novo para o mais velho. Foi musico o mais novo; e com quanto eu me desgostasse com a preferencia feita por meus paes nunca deixei de lhes satisfazer as suas exigencias nem de cumprir com os deveres do trabalho.

Meu irmão frequenta todas as romarias a que a sociedade vae, e portanto não tendo diminuido o trabalho sou eu que o faço visto que meu irmão está occupado com a musica.

Debalde tenho rogado que me deixem também ser musico mas em nada tenho sido attendido. Ha pouco tempo os outros politicos entenderam também fundarem outra sociedade, visto que era vergonha uns terem musica e outros não terem. Fundaram e eu de novo roguei a meus paes que me dêssem licença de ir para aquella já que meu irmão andava na outra. Como sempre tive por cendencia um não. Pedi a alguns amigos que intercedessem a meu fa-

sobre as prisões cellulares, postos em defeza dos desgraçados que a fatalidade arremeçou para aquellas habitações inhumanas.

O livro é dedicado a S. Magesta-de a Rainha.

Ao collega agradecemos a offerta.

**Ao sr. director geral dos correios.**—Ha pouco foi enviada uma remessa de jornaes, da America, para um cavalheiro d'Angeja e só lhe chegou á mão um d'esses jornaes. Esta irregularidade parece provir dos correios da capital.

O mesmo senhor já tem por outras vezes deixado de receber varias cartas e jornaes.

«As Novidades, «Voz de Estarreja» e outros jornaes tem feito já reclamações n'este sentido.

Ora isto parece provar que o serviço dos «Correios» não é escrupulosamente cuidado pelos respectivos empregados.

E' pois do nosso dever chamar para isto attenção do snr. director geral dos Correios, pois que os individuos não podem por forma alguma soffrer que sua correspondencia lhes seja interrompida ou desviada.

Em serviço publico não pode haver condescendencias; quando um empregado não cumpra cuidadosamente o seu dever, reprehende-se ou substitue-se.

Confiados na solicitude do snr. director geral, esperamos que sua ex.<sup>a</sup> dê as providencias necessarias.

**Universidade.**—Fez ha dias a to do 3.<sup>o</sup> anno de direito e ficou plenamente approvado, o nosso particular amigo, o snr. Francisco Antonio de Miranda, de Albergaria. O snr. Francisco de Miranda é um moço intelligente e sympathia e por isso gosa d'uma sympathia geral em todo o nosso concelho.

As nossas felecitações.

**Partida.**—Partiu para a Ilha da Madeira d'onde é natural, passar as ferias o nosso intimo amigo, o snr. José Agostinho Rodrigues, sem du-

vor, e quando meus paes estavam para ceder, vae a minha casa um politico da outra côr e por que meu pae lhe deve um favor não quer por fórma alguma que se me dê tal licença ficando eu a pedido do tal senhor mais uma vez ludibriado. Ora este meu viver cheio de contrariedades não pôde continuar. Todos os dias em minha casa ha questão por causa de musica e eu que tenho razão para ser attendido, não sou, ao contrario sou despresado.

Para meu irmão tudo são attensões, carinhos e desvellos; para mim o despreso, a arrogancia e o trabalho. Este pezar allucina-me e faz-me perder a razão.

E agora que o snr. sabe as causas do meu soffrimento, peço que me desculpe o tempo que lhe roubei e que acceite um aperto de mão unica prova que lhe posso dar do quanto lhe sou devedor. Adeus.

Depois de o ter animado á resignação, despedi-me, visto que eram sete horas e ainda estava em jejum. Quando cheguei a casa pensei que era realmente triste a posição do pobre moço.

Que um pae se isenta de fazer o que os filhos pedem admittre-se; mas que entre elles faça excepção, é estúpido. Entre irmãos, deve haver o direito da igualdade e não a preferencia individual. Pobre rapaz! tão novo e já com tanto soffrimento!! Apenas findei de reanimar o estomago sahi na forma do costume dar um pouco de cavaqueira a um logis-

vida o estudante mais distincto que frequenta a eschola medica de Lisboa. Que passe por lá umas ferias felizes, á sombra dos loiros que mercadamente colheu dos seus trabalhos, é o que do coração lhe desejamos.

**Cintra.**—Já se retirou de Lisboa para Cintra onde costuma ir passar os dois mezes de agosto e setembro, o nosso distincto amigo snr. dr. Reis e Santos, cavalheiro muito estimado em Lisboa, pae do nosso amigo, snr. Francisco de Paula Reis e Santos; um dos alumnos mais considerados da eschola do Porto,

**Palhabote «Dias Ferreira».**—E' hoje de tarde lançado ao mar este novo palhabote, construido no estaleiro de Villa Nova de Gaia, pertencente aos snrs. João Simão Peixinho e Manoel da Rocha de Aveiro.

**Tentativa de assassinio.**—N'estes ultimos tempos os amores mal correspondidos tem sido causa de grandes attentados.

Não ha muitos dias que a cidade do Porto presenciou um acontecimento d'esta ordem que a sensibilizou bastante, e já hoje se falla n'um outro attentado em Villa do Conde, onde um rapaz cravou tres balas de revolver n'uma rapariga, mesmo em presença do pae, mãe e irmão da rapariga.

**Relações para inscripções.**—O novo modelo das relações para o recebimento dos juros das inscripções, já está desde o principio do presente mez, vendendo-se na Imprensa Real, Praça de Santa Theresza, 45—Porto.

O papel empregado n'estes modelos é de primeira qualidade.

**Roubo.**—Foram roubados em Lisboa, varios objectos de valor á snr.<sup>a</sup> marquezia de Vianna, por uma creada que já se acha presa.

**Inauguração.**—E' inaugurado no dia 28 do corrente o Museu Industrial e Commercial.

ta que ahí havia, rapaz também sympathico de quem ainda hoje tenho saudades. Comprei um charuto; senti-me um pouco á espera d'um professor que também allí se reuniu para animar a palestra, quando vejo chegar uma rapariga offegante de cansasso e perguntar ao logista: O snr. cirurgião já passou aqui?! Não; porque?! Ha alguma novidade?

Está alguém doente? Estas perguntas feitas de chofre não deram tempo a que a moça respondesse.

Quando viemos á porta, já ella voltava a esquina da outra rua. No entanto entra um barbeiro que morava ao pé e declara que o filho do snr. F... andando a matar pardaes tinha tido o desastre da arma se lhe disparar ferindo-o gravemente. Fui também ver o acontecimento. Quadro horrivel que ainda hoje tenho impresso na imaginação.

Estendido junto a uma carro, com uma arma atravessada á cinta, movendo apenas os dedos das mãos que tinha pousados no estomago, estava o infeliz que duas horas antes eu salvara d'um ataque!! Comquanto o tiro lhe levasse, olhos, palpebras, nariz, faces e labio superior ainda pude conhecer n'aquelles restos informes o desditoso que eu tinha confortado!! A multidão era immensa e enquanto todos davam ao acontecimento o nome de Desastre, eu retirava-me chamando-lhe um Suicidio!

Pará 1 d'abril 87.

Alfredo A. Santos.

## SCIENCIAS &amp; LETTRAS

## SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER

Espíritos bastante lucidos se tem occupado d'este assumpto. Porém isso não obsta a que também possamos emitir a nossa desprezenciosa opinião.

A mulher, igual ao homem por sua natureza e destino final, tem os mesmos direitos a uma educação completa como elle. Mas em virtude da sua maior excitabilidade nervosa, da sua sensibilidade delicada e organização debil, não lhe é tão adequada uma profunda educação scientifica ou politica como pura educação social, religiosa e familiar, que é adjunto essencial que formosea e inaltece os espiritos dos jovens a quem ella tem de guiar os primeiros passos. Habilita-os a receber os materiaes que vão formar esse edificio magestoso d'uma educação completa, que atuando sobre a alma maleavel, transforma-a, aperfeiçoa-a, dilata-a, offerecendo maior amplitude ás alevantadas acções, que vão prevenir o individuo contra o vicio execrando, que se alastra e avulta no intimo das sociedades modernas.

E' a educação religiosa, social e familiar a que inteiramente se coaduna com a nobre missão que a mulher tem a cumprir no seio da familia, porque é ella que sempre inicia e muitas vezes ultima a educação dos jovens.

E' ella que, abrindo a seus filhos a grande Eschola do Christianismo, alli lhes dá as lições de obediencia e prudencia, de sentimento e dever, de paz e fraternidade.

E' d'ella, da mulher mãe, que finalmente depende seu filho ser bem-quisto ou repellido pelos semelhantes como util ou prejudicial. Radicar desde logo na alma do joven os verdadeiros principios d'uma educação utilitaria, ir com o facho da luz do espirito afugentar as primeiras trevas da ignorancia, é a mais nobre e sublime das missões que a mulher póde cumprir sobre a terra. E' o mais poderoso influxo que a humanidade póde receber, porque da mulher depende a constituição immediata da familia e a familia é o retrato fiel da sociedade.

E' d'uma vantagem inconcussa que uma mãe possua principios puros para assim os fornecer a seus filhos, de contrario enervar-lhes-ha o espirito, que tarde e difficilmente se restabelecerá. Assim como é difficil e até impossivel, n'uma escripta apagar os caracteres gravados e substituil-os limpamente por outros, do mesmo modo, no espirito humano, onde se acham arraigados o vicio e principios nocivos, difficilmente estes são extintos e substituidos por outros edificantes e salutaes. E', pois, manifesto o inconveniente de uma educação ser mal iniciada.

A mulher compenetrada de todos os seus deveres transforma o lar domestico n'uma eschola de amor, n'um santuario de dedicações. E' o progresso, a harmonia, a alegria da familia. E' o sol insubstituivel que acalenta todos os seus membros. Sem ella, o lar domestico tornar-se-hia uma tristeza, uma monotonia, um arido deserto emfim. E' que alli tem ella o primeiro assento. Occupa o primeiro logar para cumprir a sublime missão, que o Christianismo lhe destinou.

E convirá deslocar-a d'ahi, atirando-a para as lidés turbulentas da politica ou para as carreiras inhospitas e desenganos da sciencia? Que me-

lhor politica que a de cuidar do governo de sua casa; que melhor sciencia que a de zelar a educação de seus filhos?

A utopia de muitos não verá tal aberração, tal absurdo consumado.

Seria privar o coração da mulher de todas as crenças, encantos e sentimentos bellos, que suavizam a vida da familia e implantar alli o desengano e a dureza.

Seria violar o seu sacrosanto código de moral e os seus sentimentos delicados e bons, impellindo-a ou consentindo-a em seguir um caminho para o qual a natureza a não destinou nem dotou.

Isso causaria uma decadencia, um prejuizo enorme, um desequilibrio na familia que em breve se reflectiria na sociedade inteira.

Eduque-se a mulher para que além d'uma excellente dona de casa, seja também uma boa educadora de seus filhos. Mas isso d'uma maneira utilitaria e adequada á sua missão, honesta e modesta como modesta a mulher deve ser. Porém, nunca uma educação de aparato que a affaste do seu mister e a torne vaidosa, fazendo-a suppor-se superior a tudo, porque é muito propensa a isso. Uma tal educação representada por meia duzia de diplomas, quasi occos de sciencia, é um erro e mesmo um engano. Em abono d'estas ultimas proposições direi que em regra a gente mais illustrada não manda formar suas filhas. Em França onde estudam actualmente medicina cento e tantas mulheres, só oito ou dez pertencem á grande republica, sendo maior o contingente russo.

O governo de Berlim prohibiu as formaturas femininas.

Na America do Norte, as mulheres embriagadas talvez por um excesso de liberdade, arrojaram-se imprudentemente no caminho das formaturas. Este facto, porém, arrancou as seguintes eloquentes phrases d'um dos maiores phisiologistas da America: *«se o governo dos Estados Unidos não cuidar de pôr termo á mania das formaturas das mulheres, em breve os americanos ver-se-hão na necessidade de ir casar á Europa»*.

Em Portugal já essa scisma se vae propagando e apesar de sermos um paiz pequenissimo, cinco são já as mulheres que frequentam as nossas aulas de medicina.

A comprehensão e illustração que já hoje possuem os portuguezes, será uma garantia de que aquella estatística não progredirá demasiado.

Com estas modestas considerações não temos a mais leve tenção de melindrar pessoa alguma; ao contrario ahi teriamos a louvar a força de vontade e a coragem de encarar de frente tantas e tão grandes difficuldades com organizações não apropriadas.

Foi nosso fim apenas, obedecendo ao nosso modo de pensar, combater em these uma idéa que nos parece inconveniente.

Angeja, 18-7-87.

Ricardo Souto.

## JUNHO

*O' minha amada, vamos entre as flores de que a fragancia pelo azul se perde e cujas bellas, viridentes cores tingem da relva a tela immensa e verde!*

*Junho sorri viçoso na espessura, orvalhada de perlas e diamantes... Vem sob as ramarias gottejantes buscar da sombra a divina frescura!*

*O ceu é como limpida planicie, ou antes lago abstracto e somnolento, em cuja immaculada superficie voga uma nuvem como um cygne lento.*

*Vem das aves ouvir o suave canto! Vem contemplar os candidos amores d'essas aladas e canôras flores que se amam quasi como nós... ou tanto.*

*Como ellas se perseguem! que anciedade! que affagos, que murmurios e caricias! O' Primavera, irmã da Mocidade! quadra d'amores, quadra de delicias!*

*Vem decifrar o encantador segredo, o mais divino que a floresta encerra, o mais sublime que contém a terra: —um ninho, meio occulto no arvoredo...*

*Olha que tenue e fragil maravilha suspensa oscilla entre esses verdes ramos... Mundo de amor, onde dois entes, filho, se adoram como nós nos adoramos.*

*Quando teremos nós também na vida um ninho cheio de canções sonoras? ... Porque treme o teu braço, diz, querida? Pões os olhos no chão? suspiras? córas?...*

Jayme de Seguir.

## POBRE MARTYR

(A meu presadissimo irmão)

J. J. A. C. M.

Estamos no outomno.

No convento de Villa do Conde festeja-se S. Francisco. E' portanto dia de festa.

O convento amanheceu contente e alegre.

Está um dia azul, sem nuvens, de um frio que tonifica os musculos e revigora o sangue,

Ao longe, os valles tepetam-se de folhas seccas, semelhantes a illusões mortas.

As borboletas despregam as suas azas iriadas e peregrinam lentamente, ora por campinas onde se estende uma alfombra de folhas amarellas, ora por prados em que as arvores apresentam uma indiscriptivel melancholia.

Em Villa do Conde todos riem todos folgam, por terem de assistir á festa que vae haver no convento.

Os carrilhões repicam festivamente. O templo está luxuosamente adornado.

Vae começar a festa. Chegaram as freiras e toda a comunidade. Entre aquellas ha uma de faces maceradas e labios arroixados.

Vede-a tão pallida, envolvida no seu negro sudario!

Todas tão alegres, tão inquietas, e só ella tão triste tão taciturna!...

Quem nos poderá dizer os pensamentos que tumultuam em sua mente?

Quem nos poderá contar as pulsações que agitam seu coração!

Já foi forinosa e seductora como poucas. Em seu seio existiu já um coração fadado para amar. Possuiu em eras remotas uma alma formada para sublimes pensamentos. Um dia, porem, funesto dia, o seu coração

foi opprimido, e o amor que encerrava foi despresado.

Exhauriu-se-lhe então toda a seiva da vida; e a negra mortalha que hoje a cobre foi para a infeliz Delfina o gelo do tumulo.

Para ella o mundo não é mais que um campo de solidão onde não encontra um peito generoso para recostar a cabeça nas horas de maior amargura.

Pobre martyr! desventurada Delfina!

Obrigaram-te a calar no seio as aspirações de teu coração sensivel e apaixonado; e vês deslisar os teus dias entre quatro paredes d'uma cella escura, que nunca é visitada pelos raios do sol, e onde nunca soou uma voz de conforto, uma voz amiga, que te repetisse as suaves palavras do Nazareno!

\*  
\*  
\*

Terminou a festa. Todas se retiraram do côro, só Delfina ficou....

Como deve ser penoso o teu sacrificio, agro o teu martyrio e dolorida a tua existencia!

Pobre martyr! desditosa Delfina!

Povoa de Varzim, 1885

A. Leão Martins.

## CONFIDENCIA

No album de D. E. M.

Hei de aqui deixar-te uns versos!... E depois, se m'encontrares, como evitar os olhares d'esses teus olhos perversos, quando te rires de mim?

—Isso sim!

—E depois eu sou tão triste!... Contar-te penas não devo, tenho medo; não me atrevo, que tu de certo sorris-te ao ver as penas que são... —Isso não.

—Olha; eu namoro uma estrella. Mas vê, que fatalidade! Entre nós a immensidade! Eu n'este mundo a ser d'ella! Ella no espaço sem fim!... —Isso sim?!

—E' certo! E sou desgraçado!... Sob esta apparencia calma; mal sabes no intimo d'alma, quantas vezes me ha tentado uma fatal tentação... —Isso não.

Dizes que não?! Pois tu pensas, que a espuma, que lambe á vaga o vento, o vento lh'a traga lá das amplidões immensas? Fugiu-me a esperanza assim —Isso sim!

—Ah! tu não tomas a serio minha triste confidencia!... Cuidas, talvez, que é demencia

ter em pleno azul sydereo  
a noiva do coração!...

—Isso não!

—A's vezes quasi acredito,  
que, apesar de ser estrella,  
quem sabe, se ao ver-me a vél-a,  
não sente lá no infinito  
morar tão longe de mim.

—Isso sim!!!

—Emfim, já agora sou d'ella  
Mas faço-te um juramento  
«se cá no meu firmamento  
«coubesse mais de uma estrella,  
«eras da constellação.»

—Isso não.

Fernando Caldeira.

o v b u

I

ELLA achava-o meigo e encanta-  
dor, extasiava-se na demora-  
da contemplação dos seus grandes  
olhos negros, que a envolviam de  
chammas apaixonadas. Mas isto era  
pouco ainda; não lhe bastava vel-o  
enpalidecer a uma palavra que se  
desprendesse dos seus labios, tre-  
mer ao contacto da sua pequenina  
mão setinosa...; queria mais; deseja-  
va que elle arriscasse a vida para  
satisfazer um dos seus caprichos. Só  
assim se reputaria amada...

II

Caminham ambos, silenciosos, á  
beira-mar, sobre uma fila de roche-  
dos ingremes e escavados. Nos olhos  
claros d'ella accendem-se de repen-  
te faiscões cruéis. No seu diabolico  
sorriso ha um não sei qué de es-  
tranho e infernal...

Desatando um cumprido véu  
branco que se enrola envolta do seu  
chapeu de palha d'Italia, estende-o  
por sobre o precipicio sem fundo e  
abandona-o ao vento. O ligeiro teci-  
do fluctua como uma aza d'água no  
azul intenso do ar, e vai pousar-se  
na ponta de um rochedo inaborda-  
vel.

III

Então, no grande silencio d'a-  
quella paragem solitaria, ouve-se a  
sua doce voz murmurar suavemen-  
te: «Se me tivesses amor, irias bus-  
cal-o!...»

Sem lhe responder, ella contem-  
pla-a um instante e vendo que ella  
o expõe assim a uma morte certa,  
o seu coração fecha-se ao amor, tor-  
na-se frio e insensível como a neve  
das altas montanhas. O medo, porém,  
não o assalta. Resoluto e audacioso,  
lança-se no abysmo, similhando um  
Archanjo em pleno ceu...

IV

Que força desconhecida o sustem?  
Que protecção ignota o ampara?...  
As anfractuosidades do rochedo não  
lhe rasgam as carnes, o seu pé não  
escorrega, indecizo e vacillante, no

musgo das tóscas pedras. Está sal-  
vo!

N'um impeto vigoroso, trazendo  
ainda impressa nos olhos a visão si-  
nistra da morte, consegue alcançar  
o ponto d'onde se despenhára... Na  
sua mão trémula fluctua o véu bran-  
co da amante cruel.

Ella triumphante, com um sorri-  
so nos labios, e, d'esta vez, verda-  
deiramente apaixonada, vai agrade-  
cer-lhe, estendendo os braços. Mas  
elle repelle-a e foge, dizendo: —Não!  
Sou eu quem lhe devo reconheci-  
mento.

O meu amor morreu!

Santilhana.

## DESDICHADA

Sósinha e ao desamparo ella vivia  
Nesse pobre casebre abandonado;  
Não conhecera paz nem mãe; doia  
Fitar aquelle rosio macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava  
Para os descantes da festiva aldeia;  
E consigo a mesquinha suspirava:  
"Doce Jesus! porque nasci tão feia!"

Quando a lua no ceo azul surgia,  
De alcor banhando a mirmura devesa,  
No postigo do albergue a sós gemia,  
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava  
O singelo caixão na triste aldeia,  
Melancholico o povo murmurava:  
"Vai tão bonita, olhai! e era tão feia!"

Gonçalves Crespo.

## A saudosa memoria de minha Mãe

Longe e muito longe do lar pa-  
terno, na laboração incessante por  
um futuro incerto, revivem, de mo-  
mento em momento, em meu espiri-  
to as saudosas recordações dos en-  
tes mais queridos que fatalmente me  
vão desaparecendo, ceifados pela  
implacavel parca inhumana.

O tempo que corre com veloci-  
dade extrema e que, dizem, serve de  
balsamo consolador a muitos males,  
poderá de certo dissipar e destruir  
a violencia das grandes tempestades  
originadas pela mesma causa; pode-  
rá, arrastando ao campo da batalha  
hostes aguerridas e belligerantes, fa-  
zer-lhes conquistar um direito im-  
posto pela boca do canhão, muitas  
vezes um direito injusto; poderá fi-  
nalmente exercer a supremacia em  
todos os acontecimentos do orbe  
terrestre, cujas causas ella determi-  
na e faz desaparecer, mas nunca  
poderá penetrar, jámais poderá insul-  
tar e transformar na organização phi-  
sica d'um apostolo os sentimentos  
do bem moral—a saudade—a gratidão  
e a veneração, porque as crenças evan-  
gelizadas no sacerdocio da vida ho-  
nesta, servem de premio da virtude  
á propria virtude.

Simples e sem paradoxo são es-  
tas as considerações que faço ha  
muito tempo e sinto immensamente  
não as poder afetar aquelle brilho  
de linguagem, que tanto me falta  
para esse mesmo fim.

Mas, rematando esta divagação,  
prosgo no meu intento.

Na pequena villa d'Angeja, peque-  
nina Veneza do nosso Vonga em 1855,  
o colera desenvolveu-se de modo tal  
que facilmente estabeleceu um pani-  
co geral.

A caridade evangelica, uma abne-  
gação exemplarissima, que no cara-  
cter angelico de minha mãe se pa-  
tenteou—com toda a evidencia mos-  
trou aos seus conterraneos o formo-  
sissimo quadro de um anjo, que, es-  
quecendo-se de que é mortal e lem-  
brando-se sómente de que é mãe,  
apparecia em toda a parte, visitava  
os focos do flagello e pedia aos  
doentes com a mais commovente

affabilidade que tomassem os reme-  
dios que ella mesma lhes ministrava.

Solicita e desvellada, chorava  
sinceramente a falta de meios que  
lhe interceptavam a pratica do bem,  
a sua mais ardente ambição, e para-  
lisavam-lhe o exercicio de socorros,  
que ella tanto lastimava não poder  
levar com mão carinhosa á cabecei-  
ra do leito de dór de tantos enfer-  
mos.

O cantagio desenvolvera-se d'uma  
maneira tão cruel e fatal que em pou-  
cos dias victimou centenas de crea-  
turas, e a maior parte sem recursos,  
e esta verdadeira irmã da caridade,  
a quem o flagello não poupára, al-  
quebrada de forças e falta de  
meios, por tantos desgostos incom-  
portaveis cahiu de tal sorte desani-  
mada no leito da morte que todos  
os recursos da sciencia foram impo-  
tentes para salva-la, deixando, esta  
santa creatura, immersos em dor  
profunda, aquelles de sua familia que  
tanto a estremeciam.

Hoje, minha virtuosa mae que es-  
tás na manção dos predestinados,  
onde descanças do teu incessante  
lidar na terra e que deixaste em teu

filho um coração opprimido de dór  
e de saudade aceita-me esta peque-  
na prova da minha veneração por ti.  
Pará, 30 de junho de 1887.

Um Angeense d'além-mar.

## DE NOITE

Desceu de ha muito a noite silenciosa.  
A lua, como um lyrio immaculado,  
Abre o caliz d'amor, urna saudosa,  
No azul d'astros serenos cravejado.

Quem me dêra sonhar o meu noivado  
N'aquella estancia doce e luminosa,  
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,  
Longe das garras cruas do peccado.

Talvez que, se eu vivesse n'esses mundos,  
Calados, cheios de segredos fundos,  
Te seguisse do alto dos espaços,

E, estrella ou nuvem solitaria, um dia  
Cahira inerte, inanimada e fria  
No abysmo luminoso dos teus braços.

Joaquim de Araujo.

## ANNUNCIOS

### FORNECIMENTO

NA secretaria da procuradoria  
regia junto da Relação do  
Porto, rua do Coronel Pacheco n.º  
10, recebem-se, até ao dia 21 do pro-  
ximo mez de julho, propostas para  
fornecimento de 100 pares de calças,  
100 jaquetas e 100 camisas para ho-  
mem, 50 saias, 50 jalecos de baeta  
e 50 camisas para mulher, para uso  
dos presos indigentes da cadeia da  
Relação do Porto, conforme os pa-  
dões existentes na secretaria da  
mesma cadeia, devendo metade d'es-  
tes objectos ser fornecidos dentro  
do prazo de 30 dias e a outra meta-  
de dentro de 60, a contar da adju-  
dicação. Os que pretenderem forne-  
cer estes objectos deverão dirigir as  
suas propostas em carta fechada ao  
exc.º procurador régio junto da Re-  
lação do Porto, sem designação ex-  
terna do nome do fornecedor. As  
propostas serão abertas pelo mesmo

exc.º procurador régio, ás 12 horas  
da manhã d'aquella dia, no seu ga-  
binete na referida secretaria, e em  
seguida abrir-se-ha concurso publico  
para que os interessados possam  
fazer em acto de licitação, novas  
propostas, afim de ser adjudicado o  
fornecimento a quem o fizer em  
condições mais vantajosas.

Para ser admittido ao concurso é  
necessario offerecer fiador idoneo,  
que se responsabilise pela execução  
do contrato no prazo acima fixado,  
pela exactidão na qualidade das fa-  
zendas escolhidas, perfeição na fei-  
tura dos objectos fornecidos e pela  
indemnisação resultante da differen-  
ça que houver entre o preço da  
adjudicação feita e do novo contrato,  
a que seja mister proceder, no caso  
de falta de cumprimento integral  
d'este contrato.

Porto e secretaria da procurado-  
ria régia, 2 de julho de 1887.

O secretario interino,

Antonio Augusto de Sá Varella.

## VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.ª

### UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.  
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.  
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.  
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com  
especialidade as marcas  
FLATTING e CRYSTAL.  
tanto de primeira como  
de segunda qualidade.



E' já bem conhe-  
cida a superioridade  
d'estes vernizes.

Dá-se amostra a  
quem as pedir

### PREÇOS

Verniz Flating, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 15800 reis.  
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 25000 reis.

Desconto para revender.

IMPRESA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.